

# A campanha eleitoral permanente de Jair Bolsonaro: O deputado, o candidato e o presidente

Deysi Cioccarri<sup>1</sup>, Simonetta Persichetti<sup>2</sup>

## Resumo

O presidente Jair Bolsonaro venceu o pleito eleitoral com forte apelo discursivo nacionalista e conservador. Esse trabalho analisa qualitativamente a aderência desses temas em seus 27 anos como parlamentar, em seus discursos de campanha e nos nove primeiros meses de governo (janeiro de 1991 a setembro de 2019). Os resultados demonstram um forte apego ao passado, a prevalência de pautas militares e uma mudança a partir de 2014 por uma pauta de costumes e com conteúdo evangélico onde Bolsonaro passa a polemizar mais ainda em seus pronunciamentos. A maior mudança de seu discurso se deu no campo econômico. Percebemos também que na mídia tradicional Bolsonaro sempre apareceu como um parlamentar polêmico, agressivo, raivoso e um militar estatizante. Nas suas mídias sociais, trabalha uma imagem de quem defende os valores da família e da sociedade. Nosso embasamento teórico é norteado pelas noções de representatividade política de Bernard Manin (1995, 1999), pelas teses sobre a subjetividade contemporânea de Christopher Lasch (1984), pela concepção de campanha permanente (Hecló, 2000) e pela Análise de Discurso de Patrick Charaudeau (2011). Bolsonaro segue, nove meses após sua eleição, contestando dados e tendenciando que todas as verdades são parciais e defendendo a representação de um acontecimento de diversas maneiras, onde deve prevalecer seu modo de pensar.

## Palavras-chave

Comunicação; Jornalismo; Política; Bolsonaro; Eleições.

<sup>1</sup> Jornalista, doutora em Ciências Sociais pela PUC/SP, vice-coordenadora do grupo Comunicação, Cultura e Visualidades da Faculdade Cásper Líbero, membro da Academia de Letras dos Municípios do Rio Grande do Sul. E-mail: deysicioccarri@gmail.com

<sup>2</sup> Jornalista, crítica de fotografia, doutora em Psicologia Social pela PUC/SP, professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: spersich@casperlibero.edu.br

# Jair Bolsonaro's permanent election campaign: the deputy, the candidate and the President

Deysi Cioccarì<sup>1</sup>, Simonetta Persichetti<sup>2</sup>

## Abstract

President Jair Bolsonaro won the election with strong conservative nationalist discourse. This paper qualitatively analyzes the adherence of these themes in his 27 years as a parliamentarian, in his campaign speeches and in the first nine months of government (January 1991 to September 2019). The results show a strong attachment to the past, the prevalence of military agendas and a change from 2014 on to an agenda of customs and with evangelical content where Bolsonaro begins to further controversy in his pronouncements. The biggest change in his speech was in the economic field. We also realize that in the traditional media Bolsonaro has always appeared as a controversial, aggressive, angry parliamentarian and a statizing military man. In his social media works an image of who defends the values of family and society. Our theoretical grounding is guided by Bernard Manin's (1995, 1999) notions of political representativeness, Christopher Lasch's (1984) theses on contemporary subjectivity, and Patrick Charadeau's (2011) Discourse Analysis. Bolsonaro follows, nine months after his election, disputing data and tending that all truths are partial and defending the representation of an event in different ways, where his way of thinking should prevail.

## Keywords

Communication; Journalism; Politics, Bolsonaro; Elections.

<sup>1</sup> Jornalista, doutora em Ciências Sociais pela PUC/SP, vice-coordenadora do grupo Comunicação, Cultura e Visualidades da Faculdade Cásper Líbero, membro da Academia de Letras dos Municípios do Rio Grande do Sul. E-mail: deysicioccarì@gmail.com

<sup>2</sup> Jornalista, crítica de fotografia, doutora em Psicologia Social pela PUC/SP, professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: spersich@casperlibero.edu.br

“A morte da objetividade me alivia de estar certo. Ela exige apenas que eu seja interessante” (Stanley Fish)

O presidente Jair Bolsonaro (PSL-RJ), durante o processo eleitoral de 2018, direcionou sua campanha ao uso amplo de símbolos pátrios. Com o slogan de campanha “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”, Bolsonaro deu o tom conservador ao pleito eleitoral. O então candidato visava a uma aproximação com o eleitorado a partir de um discurso nacionalista e patriótico. Bolsonaro surgiu aos olhos do grande público num contexto de Congresso conservador. De acordo com dados do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP), o Congresso eleito em 2014 foi o mais conservador pós-64 [1]. Foi nesse ambiente que Bolsonaro emergiu aos olhos dos conglomerados de mídia, quando ainda nesse mesmo ano afirmou, na Câmara e em entrevista a Rede TV [2], que a deputada Maria do Rosário (PT-RS) não merecia ser estuprada, porque ele a considerava “muito feia” e porque ela “não faz” seu “tipo” [3]. Naquele contexto de pré-campanha e em meio a tantas polêmicas, o deputado aparecia em segundo lugar nas pesquisas de intenção de voto para a presidência em 2018 [4]. Na mídia tradicional, Bolsonaro sempre apareceu como um parlamentar polêmico, agressivo, excêntrico, militar estatizante com uma pauta de costumes conservadora. Nas suas mídias sociais, ele trabalha uma imagem de quem defende os valores da família e da sociedade. Defende seu clã numa autopreservação típica do homem pós-moderno narcisista, conforme aponta Lasch (1984, p.48), “as pessoas voltaram-se para a autogestão”. Fruto de uma geração que costuma vociferar contra os críticos numa cultura de sobrevivencialismo, Bolsonaro segue, nove meses após sua eleição, contestando dados e tendenciando que todas as verdades são parciais e defendendo a representação de um acontecimento de diversas maneiras, onde deve prevalecer seu modo de pensar [5].

A onda conservadora que elegeu Bolsonaro repetiu o Congresso conservador em 2018, ainda mais fragmentado com 24 partidos com representação [6], tendo no controle o Centrão (grupo formado por 9 partidos com uma política clientelista), liderado por Rodrigo Maia (DEM), eleito Presidente da Câmara dos Deputados. A bancada do PSL é a segunda bancada com maior número de eleitos (hoje com 53 deputados), perdendo somente para o PT (hoje com 54 deputados). Os dois candidatos que receberam mais votos são do partido do presidente (seu filho Eduardo Bolsonaro e a ex-repórter Joice Hasselmann), e São Paulo elegeu para o Senado, Major Olímpio

(também PSL), um de seus grandes aliados na defesa das diretrizes da Bancada da Bala, da qual Bolsonaro é aliado. Todos eles elegeram-se com discurso muito direcionado aos valores das Bancadas Ruralista, Evangélica e das Armas, a coloquialmente chamada “BBB”, Boi, Bíblia e Bala.

O presidente sempre se valeu de polêmicas. Sobreviveu sendo um espetáculo de si próprio com as declarações que aumentam a repercussão do que é dito. No outro lado recebe um retorno positivo de seus apoiadores mais fieis, que lhe proferiram a alcunha de “mito”.

Depois de eleito, ele continua argumentando com os mesmos elementos: declarações polêmicas, voltadas ao conservadorismo, à autopreservação do clã e o ataque aos que se opõem a suas políticas e a sua forma de pensar. Cria-se, ainda, a ideia de que há sempre um inimigo a ser combatido. Durante seu mandato como parlamentar, como veremos adiante, Bolsonaro sempre defendeu as Forças Armadas. Nos últimos anos, ataques a homossexuais e à esquerda ganharam força. Na campanha eleitoral, a narrativa do “nós contra eles” tomou uma proporção mais forte que segue durante o período presidencial analisado (os primeiros nove meses de governo, ou seja, até setembro de 2019).

A partir de Hecló (2000), toma-se como base o conceito de campanha permanente, entendida como a confluência entre a comunicação partidária, a comunicação governamental, a comunicação eleitoral, pretende-se analisar no artigo como Bolsonaro comportou-se, na posição de deputado federal ao longo dos 27 anos de seus mandatos, como candidato 2018 e agora como presidente. Isso nos dá a dimensão do discurso do presidente desde a sua campanha até hoje. Diante do exposto, nos perguntamos: quais as principais mudanças no discurso do parlamentar, do candidato e do presidente? Pretendemos com esse trabalho analisar as principais alterações no discurso de Bolsonaro ao longo de sua trajetória pública, de 1991 a 2019. Para tanto, nosso aporte teórico se dá com a Análise de Discurso de Patrick Charaudeau (2011), aporte teórico de Bernard Manin (1995, 1999) e as noções de pós-modernidade com Christopher Lasch (1984). Analisamos os discursos de Bolsonaro na Câmara dos Deputados de 1991 a 2018, os pronunciamentos divulgados pela imprensa brasileira durante a campanha eleitoral e como presidente.

## A narrativa na política de Bolsonaro

Sempre que nos referimos ao presidente eleito, estamos nos referimos a ele como um presidente conservador. No debate político, o conservadorismo

geralmente é associado às variadas posições contrárias aos avanços das pautas da esquerda mais progressistas. O presidente Jair Bolsonaro é um conservador e, mais do que isso, um nacionalista do século XX, com uma toada mais econômica. Esse nacionalista é identificado predominantemente em países considerados “atrasados”, que atravessaram processos de escravidão e colonialismo. Surge com um caráter de autodeterminação dos povos, prevenção em relação à ingerência e penetração nociva de elementos estrangeiros perniciosos, revalorização constante da liberdade, sob o aspecto econômico e superação do subdesenvolvimento. Contudo, esse nacionalismo é também desvirtuado de seus propósitos. É evocado a si uma predeterminação de soberania que isola.

Bonavides (1964) aponta que o nacionalismo brasileiro foi criação da direita, cujas marcas eram o patriotismo como arma contra o subdesenvolvimento, pela independência econômica do país em relação às nações centrais, bem como o fomento ao desenvolvimento industrial, siderúrgico, elétrico e petrolífero, que tomam forma com as políticas empreendidas por Getúlio Vargas. Historicamente, esse nacionalismo adquiriu algumas tendências mais rigorosas tendenciando muitas vezes ao integralismo e a atitudes reacionárias e muito conservadoras.

Jair Bolsonaro é expoente desse nacionalismo conservador que clama a soberania para si não como um elemento agregador, mas com a autoridade vinda somente de si próprio, quase numa autocracia. O respeito não é às instituições, mas a si e sua família. É inegável, no entanto, ser mais fácil confiar nos representantes se eles nos lembram, numa sociedade plural, todos os variados sentidos de “nós”. Num país com um Congresso extremamente conservador, o representante mais lógico seria, naturalmente, um conservador. Cada grupo pode e deve escolher aqueles que melhor o representam, e estes “melhores” representantes podem, no entanto, assemelhar-se a seus grupos originais em tudo exceto pelo poder que assumem. Em *Considerações sobre um Governo Representativo*, John Stuart Mill (1991 [1861]) assume que a eleição de representante ou espelha ou reproduz a composição do eleitorado. Os políticos querem ser eleitos e reeleitos. E esperam que os eleitores vão reelegê-los se eles perseguirem as propostas políticas apresentadas em suas campanhas eleitorais. Jair Bolsonaro sempre defendeu os valores nacionalistas com a pauta, como veremos nesse trabalho, mais voltada aos militares. É natural que, cacifado para ser pré-candidato à presidência, ele reitere os mesmos sinais que o catapultaram aos holofotes.

A disputa de narrativas foi um dos pontos altos da campanha de Bolsonaro. A então dualidade entre PT *versus* PSDB foi deixada de lado para uma guerra onde o outro é sempre visto como um inimigo.

O homem pós-moderno (LASCH, 1984) tem como característica a onipotência, a raiva e o estilo caótico e impulsivo. Prefere a glorificação da opinião em detrimento do conhecimento. O pós-modernismo consagra o princípio da subjetividade onde consenso, narrativas lineares e cientificidade são postos de lado. Lasch argumenta ainda que esse novo homem é baseado no vício do “auto engrandecimento” no que o autor denomina de “cultura do sobrevivencialismo” (p. 47).

A preocupação com a sobrevivência, traço proeminente da cultura americana desde o início dos anos 60 assume várias formas, graves ou triviais. Encontra a sua expressão mais insidiosa e característica, a sua expressão definitiva, na ilusão das guerras nucleares vencíveis, mas de forma alguma se esgota na antecipação de calamidades de abalar a Terra. Ela entrou de forma tão profunda na cultura popular e no debate político que todos os temas, *por mais efêmeros e sem importância, apresentam-se como uma questão de vida ou morte* (LASCH, 1984, p. 51, grifo nosso).

O autor completa ainda afirmando que “quando a impiedosa retórica da sobrevivência invade a vida cotidiana, ela intensifica e libera, simultaneamente, o terror do desastre” (p. 53). E então surge o medo. O medo sempre esteve presente nas relações sociais como fator de coesão política e de estruturação do poder, especialmente sistematizado pela filosofia política e pela história cultural. Em Maquiavel (1969), o medo aparece como o motor das ações humanas, sempre considerado para delimitar e direcionar a ação do príncipe. O autor renascentista rompe o paradigma epistemológico vigente ao tratar a política como um campo autônomo, com imperativos próprios, afirmando que o objetivo do governante é o de se manter no poder e que todas as atitudes tomadas por ele são resultantes deste processo.

Voltando ao ponto inicial desse capítulo, o conservadorismo do qual Jair Bolsonaro é o maior expoente no Brasil hoje, usa, como valor político, o discurso do medo como uma estratégia de poder a fim de obter a obediência num sentido de que “guerra é paz”.

Candidatos que disputam cargos majoritários, como Presidência da República, governos de estados e prefeitos de cidades de grande e médio porte passaram por uma mudança a partir de 2015: as alterações na legislação eleitoral em 2015, as eleições municipais de 2016 já começam a sinalizar um modelo híbrido de propaganda tanto de uso da TV e do rádio, mas também de forma mais intensa das mídias digitais, com ênfase nas mídias sociais.

De acordo com Hecló (2000), é nesse contexto que surge a necessidade de uma adaptação das campanhas eleitorais à gramática da mídia, à espetacularização e personalização da política. As estratégias de visibilidade midiática são planejadas,

como figurino, cenário, discurso e o cenário, de modo a convencer o eleitor. Vale ressaltar que o uso da mídia como aparato e instância simbólica transcende o período eleitoral. Torna-se uma visibilidade permanente. Essa relação entre mídia e política como palco de disputas e convencimento ocorre diariamente, mesmo findo o período de disputa. Tal fenômeno é conceituado como Campanha Permanente.

No que concerne à análise do discurso, Patrick Charaudeau aposta que não é possível compreender um objeto de linguagem que se apresenta desprovido de sua dimensão psicossocial. Então, como captar o fenômeno da significação em uma análise da linguagem que não se interessa pelas condições de produção? (CHARAUDEAU, 2011, p. 23). A questão central para o autor é a hipótese de que uma teoria que queira dar conta do discurso tem de se ater a uma definição dos sujeitos inseridos no ato de linguagem. Para ele, o discurso não deve estar associado apenas à expressão verbal da linguagem, visto que pode ultrapassar “os códigos de manifestação linguageira na medida em que é o lugar da encenação da significação” (CHARAUDEAU, 2011, p.24), podendo-se lançar mão, de acordo com suas próprias finalidades, de mais de um código semiológico. Importante sinalizar que, segundo este autor, o discurso tampouco deve ser confundido com o texto, o qual representa a materialização ou o resultado da encenação do ato de linguagem. Charaudeau aponta que o ato linguageiro pressupõe um jogo entre implícito e explícito e por essa razão:

(i) vai nascer de circunstâncias de discurso específicas; (ii) vai se realizar no ponto de encontro dos processos de produção e de interpretação; (iii) será encenado por duas entidades, desdobradas em sujeito de fala e sujeito agente (CHARAUDEAU, 2011, p. 52).

Interessa-nos, especificamente neste trabalho, apontar que “o sentido veiculado por nossas palavras depende ao mesmo tempo daquilo que somos e daquilo que dizemos” (CHARAUDEAU, 2011, p. 115). Charaudeau procura evitar tanto as abordagens que enfatizam excessivamente o plano do contexto social, em prejuízo da análise propriamente linguística, quanto as que tendem a focalizar unilateralmente a dimensão linguística, sem considerar suficientemente as condições sociais de produção do discurso.

### ***O discurso parlamentar (1991-2018)***

Em 27 anos como deputado federal (desde 1991), as mudanças no discurso de Bolsonaro são sutis. Atendem a um apelo popular que ecoa as vozes do conservadorismo e do nacionalismo. Suas três décadas de trajetória política são menos épicas do que ele divulga em suas redes sociais. Além de uma produção legislativa baixa (apresentou 170 projetos, mas somente dois foram aprovados [7]), tornou-se mais conhecido pelas

declarações polêmicas do que pela efetividade de seu mandato. Quando convidado a falar de assuntos mais técnicos, volta a sua artilharia verbal aos inimigos de sempre: mulheres, gays, a esquerda, a possível volta do socialismo, entre outros. A virulência das declarações do deputado é objeto de repulsa e, ao mesmo tempo, de admiração, conforme o público que as recebe. Aproveita a decepção com políticos e partidos tradicionais, como o PT e o PSDB, principalmente, após as Jornadas de Junho de 2013, quando houve um aumento da descrença nas instituições políticas em função da campanha ostensiva da mídia de que a política brasileira estava contaminada pela corrupção e pelo clientelismo.

Dono atualmente de um discurso de ordem e disciplina militar e críticas ferrenhas a movimentos sociais, o então capitão Jair Bolsonaro apareceu pela primeira vez no noticiário em 1987, nas páginas da revista *Veja*, após ser acusado de elaborar um plano para explodir bombas em quartéis como forma de protesto por baixos salários. Quando a reportagem foi publicada, Bolsonaro negou tudo ao então ministro do Exército, Leônidas Pires, a quem acusara de frouxidão e de tratar os militares como “vagabundos”[8].

A agressividade não para por aí. Em 2009, um cartaz anexado à entrada de seu gabinete na Câmara dos Deputados direcionava uma mensagem aos familiares de desaparecidos na ditadura: “Desaparecidos no Araguaia? Quem procura osso é cachorro”[9].

Para entendermos melhor o discurso do deputado, analisamos as notas taquigráficas [10] da Câmara dos Deputados para compilarmos as manifestações de maior reincidência. Essa análise foi qualitativa. Optamos por essa forma de análise por entendermos que muitas vezes uma palavra, lida separadamente, pode ser descontextualizada. Dito isso, lemos os seus discursos de 1991 a 2018. Para as análises de discurso de campanha e na presidência, recorreremos às mídias tradicionais.

O primeiro pronunciamento de Bolsonaro como deputado federal foi em 25 de fevereiro de 1991 onde ele revelava preocupação com uma reportagem do jornal *Folha de S. Paulo* que tinha como título “Fundo Naval financia carros a almirantes”. No dia 26 segue em defesa dos militares ao solicitar apoio à Medida Provisória 295 em especial à emenda 36, de sua autoria, em que, mais uma vez, defende os militares, permitindo desta maneira, que, num prazo de 30 dias, o Congresso discuta e vote um projeto de lei, que virá em regime de urgência, “regulando os vencimentos e remunerações e vantagens pecuniárias de todos os servidores civis e militares” (BOLSONARO, Jair, 26 de fevereiro de 1991). A defesa da classe militar segue como sendo a tônica de seus discursos. Em 16 de março de 1994, o parlamentar sobre à tribuna para relatar

desavenças em relação à MP 434 onde foi barrado ao entrar no gabinete do então presidente da República e impossibilitado de discutir a medida.

Lamentavelmente, chegando lá, fui barrado, como se fora um bêbado de porta de igreja. Com muito sacrifício, consegui chegar à antessala. Para minha surpresa, todos entraram, até mesmo o Deputado Paulo Rocha, que não faz parte da Comissão. E eu fui barrado. Um sargento do Exército brasileiro disse-me que eu estava proibido de entrar. Sr. Presidente, naquele momento, minha conduta normalmente seria a de quebrar tudo, mas estaria arrebatando a carreira de um sargento do Exército brasileiro. Contive-me. Fui humilhado, em-bora acredite que quem está sendo mais humilhado do que eu são os trabalhadores civis e militares da União. (BOLSONARO, Jair, 16 de março de 1994).

A defesa da soberania brasileira como estado independente e a exploração da Amazônia já eram tema de discurso em 1995, no segundo mandato.

Vale lembrar que a cifra de 1,4 bilhões de dólares, ora em discussão, é simplesmente irrisória se formos comparar com os potenciais existentes na nossa Amazônia. Só dentro da reserva Yanomâmi estima-se um potencial em minerais de aproximadamente 3 trilhões de dólares. Quanto mais tempo ficarmos sem saber o que temos dentro da Amazônia, melhor será, no meu entender, para os países do Primeiro Mundo, em especial Estados Unidos e França. Por que, Sr. Presidente? Porque, com a indústria da demarcação das terras indígenas, assim como Quebec quase se separou do Canadá, num curto espaço de tempo, os Yanomâmis poderão, com o auxílio dos Estados Unidos, vir a se separar do Brasil (BOLSONARO, Jair, 23 de novembro de 1995).

Os ataques à imprensa seguem quando em 22 de janeiro de 1998, Bolsonaro aclama a inauguração da TV Câmara e desfere ataques à imprensa tradicional. Bolsonaro critica Alexandre Garcia (jornalista) que afirmou no *Bom dia Brasil* que os parlamentares poderiam assistir, de suas casas, aos poucos que comparecem às sessões, trabalharem. O presidente da Câmara dos Deputados na época, Heráclito Fortes, recomendou que a Taquigrafia da Câmara retirasse as palavras de baixo calão proferidas por Bolsonaro na sessão por serem “incompatíveis com o Regimento da Casa” (FORTES, Heráclito, 22 de janeiro de 1998). E, Bolsonaro segue, num de seus ataques à mídia, criticando-a por ter contestado a escolha de Hitler como personalidade admirada:

Em tempo; quero deixar patente minha revolta com a grande mídia, um tanto quanto servil, que criticou duramente o Colégio Militar de Porto Alegre apenas porque 9 entre 84 alunos resolveram eleger, entre o Conde Drácula, Hércules, Nostradamus, Rainha Catarina, Átila - só faltou FHC - Hitler como personalidade historicamente admirada. (BOLSONARO, Jair, 22 de janeiro de 1998).

A defesa ao uso de armas aparece ao longo de seu discurso, inclusive insinuando que o governo Lula estaria aproximando a KGB (serviço secreto russo) da política brasileira para investigar os parlamentares, como aparece em seu pronunciamento no Pequeno Expediente de 15 de julho de 1995. No mesmo pronunciamento, ele ainda

se referiu à reforma política e defendeu a redução do número de parlamentares na Casa. Acusou o Partido dos Trabalhadores de trancar essa pauta. Em março de 2000, Bolsonaro sobe à tribuna para falar sobre um pedido a ser votado de suspensão de seu mandato.

Mas é em 2008 que Bolsonaro fala pela primeira vez no comandante Brilhante Ustra (voltou a elogiá-lo no discurso que fez ao votar sim pelo impeachment de Dilma Rousseff):

Quando ele (Tarso Genro, então ministro da Justiça) fala em processar por tortura, que processe a Dilma Rousseff, o Fernando Gabeira, o Franklin Martins, que são sequestradores. Quando fala em recuperar recursos para pagar anistiados dos proventos de Brilhante Ustra, que busque dinheiro do Carlos Minc, que com a Dilma Rousseff roubou da casa da senhora do Adhemar de Barros, no Rio de Janeiro, 3 milhões de dólares. Tarso Genro, se quer procurar ladrões, procure no seu Governo, porque em 20 anos de governo militar não temos um cabo, um sargento, um capitão, um coronel ou um general rico. E nesse bando que está ao seu lado todos estão riquíssimos, roubando e saqueando os cofres do contribuinte em nosso País. Tarso Genro, aprenda a ser homem, antes que a vida o leve. (BOLSONARO, Jair, 7 de agosto de 2008).

As pautas militares, no entanto, seguem em seu discurso. Em 19 de dezembro de 2014, já sabendo de sua reeleição, Bolsonaro profere um discurso em que agradece ao jornal *Folha de S. Paulo* um artigo seu publicado. O título do artigo: *O grito dos canalhas* [11]. Nele, Bolsonaro relembra o caso Champinha e o atrito com a deputada Maria do Rosário.

Devemos acreditar no PT, que rejeita qualquer investigação no sequestro, tortura e execução do prefeito Celso Daniel, ou no Exército, que, impulsionado pela mídia, pela Igreja Católica, pela OAB, por mulheres nas ruas, por empresários e pela maioria esmagadora da Câmara e do Senado salvaram o país do comunismo em 1964? Enquanto eu for parlamentar, restará ao PT apenas o direito de gritar. (BOLSONARO, Jair, 19 de dezembro de 2014 in: jornal *Folha de S. Paulo*).

O grande ponto a ser discutido é que, nesse momento, um dos momentos de maior controversa da carreira do parlamentar até então, ele mesmo reconhece, que a *Folha* foi o único veículo a lhe dar a palavra. Vale frisar que hoje o Grupo *Folha* é considerado o grupo midiático de maior oposição a Bolsonaro e o que recebe mais críticas do presidente.

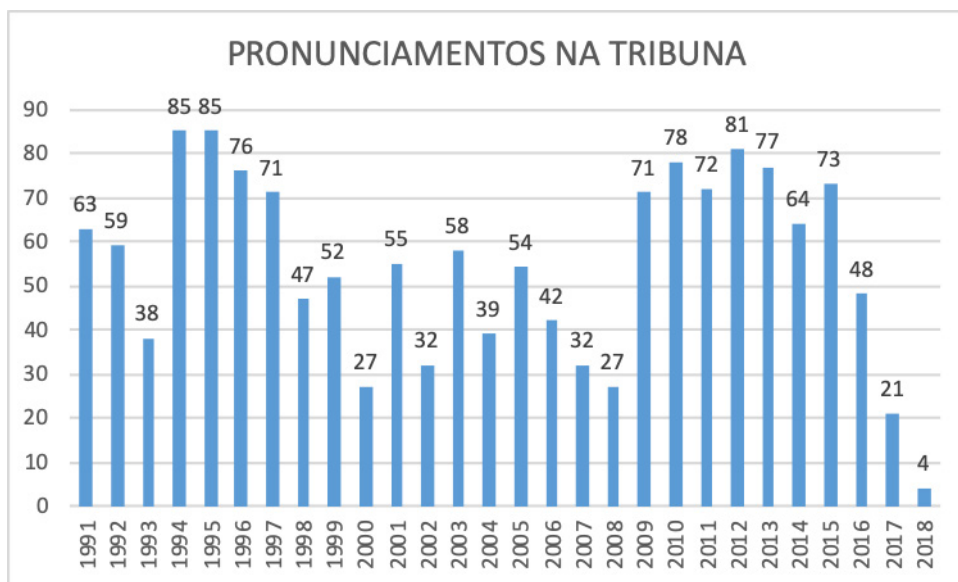
Meus agradecimentos ao jornal *Folha de S. Paulo*. Nenhum órgão de imprensa me procurou para falar sobre nada dos últimos episódios, nos quais o meu nome esteve à frente. Tantas televisões de canal aberto me procuravam no passado, mas não me procuram agora. Simplesmente por massacre. Mas não tem problema, não. O meu couro é duro. E eu já falei que prefiro viver com dignidade na planície a viver como rato no planalto. Então, vou continuar a minha batida.

As pautas seguem as mesmas. Com a chegada do Partido dos Trabalhadores ao poder, Bolsonaro direciona seu discurso mais ao ataque aos presidentes Lula e Dilma Rousseff e às pautas conservadores que ganharam fôlego desde 2014. “O PT quer transformar criancinhas de 5, 6, 7 anos de idade em homossexuais e escancarar as portas para a pedofilia!”. Nesse discurso de 15 de junho de 2015, o PT e os homossexuais são atacados.

Isso é política de canalha, que é a palavra que eu posso usar aqui, porque tenho vontade de dizer outra. Dilma Rousseff, você tem neto! Coloque essa porcaria para ele e não para os filhos do povo. Respeite a criança! Respeite a família brasileira! Isso é atitude de canalha! Tem a cara do PT essa determinação do MEC, porque está publicada no Diário Oficial da União. A responsabilidade é de Dilma Rousseff, uma mulher que não governa nada, uma terrorista, cujo primeiro marido sequestrou um avião com 96 pessoas a bordo e foi para Cuba e cujo segundo marido, com ela, assaltava caminhões na Baixada Fluminense! É uma mulher que não tem caráter, não tem moral. (BOLSONARO, Jair).

Analisando os pronunciamentos de Jair Bolsonaro ao longo dos 27 anos (1991–2018), observa-se que nos anos de 2017 e 2018, Bolsonaro sobe menos à tribuna da Câmara dos Deputados, quando ele começa a ter mais mídia tradicional e mais apelo nas redes sociais e já se coloca na posição de candidato à Presidência da República.

A partir do momento em que suas redes sociais ganham adesão, o parlamentar deixa de lado os órgãos oficiais. Exatamente como faz enquanto presidente da República. Em 2018, pronuncia-se contra o habeas corpus do ex-presidente Lula (em abril). Em julho sobe à tribuna para lamentar uma matéria divulgada pelo jornal *Folha de S. Paulo* em que, segundo o jornal, ele “foge de uma leitora ao ser questionado”. A versão do então pré-candidato é a de que ela estava embriagada e ele foi ao banheiro para não entrar num confronto com a senhora (notas taquigráficas de 4 de julho de 2018). Em seu último discurso na Câmara dos Deputados, já como presidente, em 6 de novembro de 2018, ele agradece por estar vivo (ter sobrevivido ao atentado à faca) e encerra: “Meu muito obrigado a todos. Peço a Deus que nos ilumine a todos para continuarmos traçando os destinos que o nosso povo merece: a felicidade, o Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”.



**Gráfico 1:** Pronunciamentos de Jair Bolsonaro de 1991 a 2018  
**Fonte:** Elaborado pelas autoras (2019)

### *A campanha eleitoral e o governo*

Bernard Manin (1999, p. 108) escreve que os políticos têm algumas crenças sobre as promessas que mais provavelmente os fazem vencer, assim como sobre as políticas que os eleitores irão de fato apreciar tendo experimentado os seus resultados. O diagnóstico de parte da literatura é predominante na linha de que os eleitores têm se afastado dos partidos em boa parte das democracias. Lasch (1984) alerta para o fato de quem a ética da sobrevivência narcísica aponta para a escassez de ideais comuns e para o conseqüente recuo da política onde a intensificação do investimento no bem-estar individual como a única alternativa válida. Os candidatos vitoriosos não são os de maior prestígio local, mas os “comunicadores”, pessoas que dominam as técnicas da mídia. O que estamos assistindo hoje em dia não é a um abandono dos princípios do governo representativo, mas a uma mudança do tipo de elite selecionada: uma nova elite está tomando o lugar dos ativistas e líderes de partido. A democracia do público é o reinado do “comunicador”. Bolsonaro entendeu essa mudança no direcionamento da comunicação política. Os seus pronunciamentos na Tribuna da Câmara dos Deputados deram lugar às redes sociais. A voz mais ecoada no último período do mandato parlamentar foi a voz agressiva, de ataque às minorias e a construção do medo e do inimigo. O partido é apenas um suporte obrigatório para chancelar sua eleição.

Em seus discursos de campanha, Bolsonaro muda sua postura estatizante que defendia ao longo de seus mandatos de parlamentar e cede às pressões do mercado adotando uma agenda neoliberal, tendo como homem de confiança na economia Paulo Guedes. Passa, então, a ser favorável às privatizações (fato que se consolida

em seu governo) e defende o endurecimento das leis penais, dando continuidade ao seu passado militar. Uma das primeiras promessas de campanha a serem colocadas em prática foi a tentativa de tipificar como terrorismo as invasões de propriedades rurais e urbanas no território brasileiro. Seu discurso na ONU [12] em 24 de agosto de 2019 demonstra que a narrativa do nós conta eles não ficou esquecida. “O socialismo está dando certo na Venezuela! Todos estão pobres e sem liberdade!”, disse. O tema da privatização, uma pauta neoliberal, foi outro compromisso de campanha que seguiu adiante. Bolsonaro já tinha se manifestado em Plenário, em 1996, a favor das privatizações. Naquela ocasião disse que inclusive a imprensa deveria ser privatizada. Bolsonaro, em campanha ainda, afirmou que privatizaria ou extingiria cerca de 50 estatais.

Desde o início de sua campanha, Bolsonaro efetuou uma combinação entre valores de família, nacionalismo e cristianismo. Com a mudança na repercussão de seu discurso, Bolsonaro migra para as redes sociais para se comunicar e em 2018, em seu Twitter:

Eu quero um Brasil sorridente, que se abra para o turismo dado a condições de segurança e infraestrutura... nós temos tudo, tudo para sermos uma grande nação. O que precisamos pra chegar lá? Precisamos sim de um homem ou de uma mulher que seja honesto, seja patriota e tenha Deus no coração. É esse o Brasil que eu quero para todos nós, e se essa for a vontade de Deus, eu tenho certeza que cumprirei essa missão ao lado do povo brasileiro. (@jairbolsonaro,3/agosto/2018).

Bolsonaro, como marca em sua fala desde 2014, segue no combate à ideologia de gênero. Essa foi uma pauta que se fortaleceu em seus pronunciamentos após o ganho de popularidade. Com um congresso extremamente conservador, é normal a população conservadora e reverberando esses discursos. Bolsonaro foi o único candidato que apelou para o nacionalismo em campanha. Fundamentou sua retórica através do versículo bíblico João 8:32: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. Utilizou um tom messiânico, de salvador, prometendo recuperar um orgulho de ser brasileiro perdido com os recentes casos de corrupção. Bolsonaro chamou para si a pauta do nacionalismo no sentido de que ela traria prosperidade econômica, pois “a mudança que o Brasil precisa” deveria, inevitavelmente, passar por “um sentimento real”. A sensação de insegurança foi amplamente abordada em seus tweets.

Outro ponto de bastante polêmica com Bolsonaro já presidente foi o embate sobre a Amazônia. Uma guerra de narrativas entre os líderes europeus, especialmente Emmanuel Macron (presidente da França) e Bolsonaro foi o destaque na mídia internacional. Após demitir o presidente do INPE por não concordar com a divulgação

dos dados de desmatamento feita pelo órgão, Bolsonaro entrou num embate político com outros líderes mundiais. Bolsonaro logo chamou a soberania nacional afirmando que a Amazônia é soberania brasileira e “inegociável”. Ele destacou que sua gestão pensa no “índio, no meio ambiente, no mosquitinho e na cobra” [13]. E continuou: “Temos tudo para sermos grandes com essas riquezas e eu faço um apelo a vocês (aos dirigentes dos outros países amazônicos). Nós temos o que os outros não têm, por isso os outros países querem as nossas riquezas e lamento que o Brasil tenha ficado adormecido por décadas”[14]. Ele promete que este cenário irá mudar na sua gestão. Bolsonaro repete o mesmo discurso de Médici em 1971, quando ele resistia à agenda ambiental interpretando a Confederação das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano como uma ameaça à soberania sobre seus recursos naturais e um pretexto para justificar um quadro decisório internacionalizante para a Amazônia. Por trás dessa reação, ocultava-se o receio de que a estrutura de poder internacional fosse congelada com o propósito de manter o status quo vigente e evitar uma nova redistribuição de forças. Em 8 de dezembro de 1971, o Presidente Garrastazu Médici, numa visita oficial aos Estados- Unidos afirmava:

Acreditamos em uma comunidade de Nações livres e soberanas que sentem a necessidade histórica de afirmar-se, num mundo em que o progresso e o desenvolvimento de uns não devem assentar em sacrifícios e prejuízos de outros, em que a soberania deve ser um instrumento de liberdade comum. Por isso mesmo, o Brasil está convencido de que, para ser efetivo, qualquer passo concreto no sentido da realização do conceito de interdependência dos diferentes membros da comunidade das Nações há de pressupor, necessariamente, os estágios prévios de soberania política e de emancipação econômica. (INSTITUTO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 1971, p. 96)

Reconhecer o caráter global das ameaças ambientais constitui o primeiro passo para o fortalecimento dos mecanismos de governança e a adoção de políticas coordenadas. O que se evidencia por trás dessa criação de neologismos é o intento de redimensionar o conceito de soberania de forma a ampliar o comprometimento e a responsabilidade dos Estados entre si e com os demais atores do sistema internacional (BARROS-PLATIAU, 2006).

## Considerações Finais

Quando da votação do *impeachment* de Dilma Rousseff, Jair Bolsonaro disse: “Perderam em 1964. Perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra a *Folha de S. Paulo*, pela memória do Cel. Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff!”. Mas o que se seguiu a isso foram aplausos no

Plenário. Charaudeau afirma que é no encontro com o outro que as identidades e recursos sociais dos parceiros são ou não utilizados e que o discurso se constrói de uma forma ou de outra. Ou seja, Bolsonaro nunca foi uma voz isolada que venceu uma campanha eleitoral sem explicação. Foi amplamente amparado por um Congresso extremamente conservador. Costumamos dizer que o Congresso é a sala de casa da população brasileira, reflete exatamente como pensamos. E somos uma sociedade conservadora que foi pega por uma mudança no cenário político a partir de 2013, com as Jornadas de Junho. Some-se a isso a Operação Lava Jato que expôs a corrupção endêmica nos partidos, especialmente no PT, Jair Bolsonaro surge num contexto em que as pautas progressistas típicas dos partidos de esquerda traziam insegurança. Bolsonaro apelou aos valores do passado.

Com essa pesquisa, procuramos entender as principais mudanças nos discursos do atual presidente desde que ele tomou posse como deputado federal em 1991. A proposta de análise do discurso desenvolvida por Patrick Charaudeau insere-se num esforço em construir um modelo multidimensional de compreensão da realidade social. Conforme explicado anteriormente, Bolsonaro sempre foi ferrenho defensor dos valores militares. Nas poucas vezes em que trouxe um outro assunto ao debate, como ataque à imprensa, logo em seguida, alguma pauta militar retornava. Essa foi a pauta de seus discursos até 2014, quando ganhou notoriedade pelo bate-boca com a deputada Maria do Rosário. A partir daí percebemos uma diminuição no número de vezes que o parlamentar subiu à Tribuna. As redes sociais e a crescente visibilidade proporcionada pela mídia oferecem a ele um outro canal de comunicação. E ele passa a trabalhar uma pauta de costumes: negros, homossexuais, índios, mulheres e entra o assunto Igreja. A Bancada Evangélica mostra seu poder elege 14% a mais de parlamentares em 2014.

A maior mudança de postura se deu no campo econômico. As propostas econômicas defendidas por Bolsonaro estiveram na contramão das premissas nacionalistas, sendo associadas às políticas econômicas neoliberais em detrimento ao desenvolvimento econômico e soberano nacional e à proteção da nação em relação aos interesses imperialistas, uma vez que a privatização das estatais e declarações de subserviência aos Estados Unidos ocuparam espaço central em sua agenda. Mas o discurso de soberania e de se voltar ao que é nosso continua como foi visto em discussões sobre meio ambiente em que Bolsonaro assemelha sua fala à de Médiçi, conforme visto.

O grande ponto da pesquisa é que até mesmo algumas frases do presidente não mudaram. Ainda são as mesmas palavras sobre os mesmos assuntos: valores militares,

nacionalistas e a partir de 2014 as mesmas pautas de costumes. Nosso objetivo foi entender as principais mudanças em seus discursos. E houve poucas mudanças em relação à maior parte das temáticas, com exceção do discurso neoliberal que assumiu desde a campanha, contrariando a postura estatizante em seus mandatos como deputados.

Quanto à pauta conservadora de costumes, permanece muito semelhante. Os valores militares, o inimigo comum (a esquerda, o socialismo) e o ataque às minorias. O presidente que discursa é o mesmo deputado federal de 1991. Lasch assevera a necessidade de uma análise histórica da sociedade e da política modernas para entendermos nossa própria história. Só assim poderemos, com os erros e acertos do passado, reformarmos a vida pública e assegurarmos uma evolução linear em que o bem comum prevaleça ao individual. E, retomamos, para enfim concluirmos, como brevemente citado nesse trabalho, Maquiavel (1969) nos lembra que o objetivo do governante é o de se manter no poder e que todas as atitudes tomadas por ele são destas resultantes.

## Notas

[1] Congresso eleito em 2014 foi o mais conservador pós-64.

[2] Disponível em: <<https://youtu.be/LD8-b4wvIjc>>. Acesso em: 9 nov.2019.

[3] Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LD8-b4wvIjc>>. Acesso em: 9 nov.2019.

[4] Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/12/1940171-lula-lidera-e-bolsonaro-se-consolida-em-2-aponta-datafolha.shtml>>. Acesso em: 9 nov.2019.

[5] Disponível em: <<https://aosfatos.org/todas-as-declaracoes-de-bolsonaro/>>. Acesso em: 9 nov.2019.

[6] Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2018/10/08/renovacao-deixa-congresso-mais-fragmentado-e-a-direita.html>>. Acesso em: 9 nov.2019.

[7] Viraram lei uma proposta que estendia o benefício de isenção do Imposto sobre Produto Industrializado (IPI) para bens de informática e outro que autorizava o uso da chamada “pílula do câncer” – a fosfoetanolamina sintética.

[8] Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/jair-bolsonaro-o-mito-de-pes-de-barro/>>. Acesso em: 9 nov.2019.

[9] Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,cartaz-contradesaparecidos-do-araguaia-irrita-deputados,378349>>. Acesso em: 9 nov.2019.

[10] Disponível em: <<http://bit.ly/2Nv4hLW>>. Acesso em: 9 nov.2019.

[11] Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opinia0/2014/12/1563973-jair-bolsonaro->

o-grito-dos-canalhas.shtml>. Acesso em: 9 nov.2019.

[12] Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/09/24/veja-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-abertura-da-assembleia-geral-da-onu.ghtml>>. Acesso em: 9 nov.2019.

[13] Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-volta-a-pregar-soberania-da-amazonia-e-a-criticar-macron/>>. Acesso em: 9 nov.2019.

[14] Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/bolsonaro-volta-a-pregar-soberania-da-amazonia-e-a-criticar-macron/>>. Acesso em: 9 nov.2019.

## Referências

BARROS-PLATIAU, Ana Flávia. A política externa ambiental do desenvolvimento ao desenvolvimento sustentável. In: OLIVEIRA, Henrique Altemani; LESSA, Antonio Carlos (Orgs.). *Relações Internacionais do Brasil: temas e agendas*. São Paulo: Saraiva, 2006. v. 2, p. 251-283.

BONAVIDES, Paulo. Nacionalismo, soberania e subdesenvolvimento na crise política e social do Brasil. *Revista de Direito Público e Ciência Política*, v. 7, n. 3, p.64-99, 1964.

CHARAUDEAU, Patrick. Para uma nova Análise do Discurso. In: CARNEIRO, Agostinho Dias (Org.). *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996, p. 5-43.

CHARAUDEAU, Patrick . *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2011.

DUVERGER, Maurice. *Os Partidos Políticos*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

GALVÃO, Débora Gomes. Transformações no modelo representacional dos partidos contemporâneos sob a ótica de Bernard Manin. *Revista Jus Navigandi*, 2018, Online. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/48772>>. Acesso em: 25 set. 2019.

HECLO, Hugh. Campaign in gand governing: a conspectus. In: ORNSTEIN. N. J.; MANN, T. E. (Eds.); *The Permanent Campaign and Its Future*. Washington D.C.: American Enterprise Institute and The Brookings Institution, 2000, p.1-37.

LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em Declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

MANIN, Bernard. As Metamorfoses do Governo Representativo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.29, p. 5-34, 1995.

MANIN, Bernard. IN: PRZEWORSKI, Adam ; STOKES, Susan; MANIN, Bernard. *Democracy, Accountability and Representation*. Cambridge: Cambridge University Press., 1999, p.105-133.

MILL. John Stuart. *Considerations on Representative Government*. Buffalo: Prometheus Press, 1991 (1861).

MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

PRZEWORSKI, Susan C. Stokes e Bernard Manin (Eds). *Democracy, Accountability and Representation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.